

BEM ESTAR ANIMAL APLICADO À CLÍNICA MÉDICA DE CÃES E GATOS DOMÉSTICOS

(Animal well-being applied to the medical clinic of domestic dogs and cats)

Carolina Ferreira de OLIVEIRA^{1*}; Márcia Kikuyo NOTOMI²

¹Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Campus de Engenharias e Ciências Agrárias (CECA) da Universidade Federal de Alagoas. BR 104, Km 85, s/n, Rio Largo/AL. CEP: 57.100-000;

²Universidade Federal de Alagoas. *Email: carolina.oliveira@ceca.ufal.br

RESUMO

A relação humano-animal é datada de milhares de anos com o processo de domesticação canina e felina, caracterizando um estreito e intenso vínculo interespecie. Cães e gatos são os animais de estimação mais populares e de preferência da maioria da população. O Brasil tem aproximadamente 47,9 milhões de domicílios com pelo menos um cão ou gato. O bem estar animal é definido como o bem estar físico, psicológico, social e ambiental dos animais. Diante disso, um ambiente hospitalar voltado ao bem estar de cães e gatos permite uma melhora no vínculo humano-animal que se constrói diariamente entre o clínico, o tutor e o animal. Um serviço veterinário baseado no manejo amigável promove uma percepção positiva do atendimento clínico, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre práticas de bem estar animal na clínica médica de cães e gatos domésticos. Para tanto foi realizada uma busca em sites de busca científica, utilizando-se palavras chave sobre o tema. A seleção dos artigos foi realizada sem restrição de ano e de idioma, devido à limitação de trabalhos referentes ao tema em cães e gatos. Conclui-se que a implementação de um manejo *friendly*, traz benefícios para cães e gatos, tutores e médicos veterinários, sendo uma alternativa aos profissionais para a adoção de práticas de bem estar, para isso, é preciso treinar a equipe para identificar níveis baixos de bem estar em cada setor da clínica.

Palavras-chave: Comportamento animal, ética animal, manejo amigável, pets.

ABSTRACT

The human-animal relationship dates back thousands of years with the process of canine and feline domestication, featuring a close and intense interspecies bond. Dogs and cats are the most popular and preferred pets of the majority of the population. The Brazil has approximately 47.9 million households with at least a dog or cat. The animal welfare is defined as the physical, psychological, social and environmental well-being of animals. Therefore, a hospital environment focused on the well-being of dogs and cats allows an improvement in the human-animal bond that is built daily between the clinician, the guardian and the animal. A veterinary service based on friendly management promotes a positive perception of clinical care. Thus, the present work had as main objective to encourage the adoption of animal welfare practices in the medical clinic of domestic dogs and cats in order to alleviate any stressor and provide a more welcoming environment. This work was a literature review in which clinical studies available in the academic literature were gathered. The selection of articles was carried out without restriction of year and language due to the limitation of works related to the subject in dogs and cats. It is concluded that the implementation of a friendly handling brings benefits to dogs and cats, tutors and veterinarians, being an alternative to professionals for the adoption of welfare practices; To do this, it is necessary to train the team to identify low levels of well-being in each sector of the clinic.

Keywords: Animal behavior, animal ethics, friendly management, pets.

INTRODUÇÃO

A relação humano-animal é datada de milhares de anos atrás com o processo de domesticação canina e felina, caracterizando um estreito e intenso vínculo interespecie. Atualmente, cães e gatos são os animais de estimação mais populares e de preferência da maioria da população no Brasil. Tais animais estão adquirindo papéis mais significativos dentro

da nova dinâmica familiar. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE, 2019^a e 2019b), o Brasil tem aproximadamente 47,9 milhões de domicílios com pelo menos um cão ou gato, sendo 33.754 residências com cães e 14.144 com gatos, respectivamente.

Esta inserção social do ser canino e felino na organização familiar contemporânea modificou o conceito de família. Também trouxe mudanças no exercício da Medicina Veterinária acerca da avaliação dessa interação, por afetar diretamente o bem estar desses animais não humanos e, principalmente, pela prática da guarda responsável.

O bem estar animal (BEA) é definido como uma condição fisiológica e psicológica na qual o animal tem a capacidade de se adaptar ao local que vive, satisfazendo suas necessidades fundamentais e desenvolvendo habilidades para sua sobrevivência de acordo com sua natureza (CONCEA, 2021). Além disso, engloba aspectos socioeconômicos, culturais, religiosos, éticos, científicos e políticos (MALDONADO e GARCIA, 2015).

O conceito de BEA surgiu a partir do documento de 1965 escrito por Roger Brambell sob influência do governo britânico. Este documento possuía recomendações sobre o manejo de animais de produção levando em consideração o bem estar animal. Posteriormente, essas recomendações ficaram conhecidas como as cinco liberdades e desde então, influenciam as práticas de manejo de várias espécies animais, como cães e gatos (BARBOZA, 2021). Atualmente, o conceito mais empregado de bem estar animal é o proposto pelo projeto europeu *Welfare Quality* que é uma interpretação modificada das cinco liberdades. A *Welfare Quality* acredita que o conceito de bem estar é multidimensional e é norteado por quatro grandes princípios básicos divididos em 12 critérios independentes, sendo eles: boa alimentação, bom alojamento, boa saúde e comportamento apropriado. Cada princípio engloba dois a quatro critérios que formam uma lista mínima a ser seguida (WELFARE QUALITY, 2009)

Nesse sentido, as vantagens de implementar as práticas de bem estar de cães e gatos na clínica veterinária são inúmeras. Nesse rol, destacam-se a satisfação profissional, segurança para o animal, médico veterinário e auxiliar, rentabilidade econômica. Os tutores preferem um ambiente onde seus pets são bem cuidados proporcionando melhoria na relação entre veterinário/animal/tutor (WSAVA, 2018).

A maioria dos estudos sobre bem estar animal estão relacionados com os animais de laboratório, produção e zoológico. Nesse sentido, a escolha do tema atual surgiu a partir da necessidade de ampliar o debate sobre as formas de promover o bem estar de cães e gatos na clínica veterinária. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo principal realizar uma revisão de literatura sobre o tema. Espera-se por meio dela contribuir no incentivo à adoção de práticas de bem estar animal na clínica médica de cães e gatos domésticos, a fim de amenizar qualquer fator estressante e proporcionar um ambiente mais acolhedor, compreendendo cada espécie de forma única, assegurada em todas as suas formas.

DESENVOLVIMENTO

Essa pesquisa tratou-se de uma revisão de literatura acerca do bem estar de cães e gatos domésticos aplicado à clínica veterinária. Nesse estudo, foram reunidos trabalhos clínicos disponíveis na literatura acadêmica. Os estudos foram selecionados através do acesso café pelo portal Periódicos Capes, além de uma busca manual simples através do *Google Scholar*. A

seleção dos artigos foi realizada sem restrição de ano de publicação e idioma devido à limitação de trabalhos referente ao tema em cães e gatos. Foram utilizados para busca de dados os descritores em inglês “*Small Animal Welfare*”, “*Behavioural Veterinary*”, “*Pet Friendly*”, “*Canine Disorders*” e “*Veterinary Practice*” empregando o operador booleano “AND”, do seguinte modo “*pet friendly*” AND “*veterinary practice*” e “*Small Animal Welfare*” AND “*Behavioural Veterinary*”.

Histórico e conceituação do bem estar

Atualmente, o tema de bem estar animal é bastante discutido, possuindo várias definições e significados diferentes de acordo com a cultura de cada país. Ainda que não haja uma definição científica aceita universalmente, pode ser compreendido como o bem estar físico, psicológico, social e ambiental dos animais, ou seja, com a satisfação das suas necessidades, as quais são únicas em cada animal e é variável por fatores como espécie e genética, por exemplo (WSAVA, 2019).

Welfare quality é uma abordagem científica que busca avaliar o bem-estar animal, levando em consideração tanto aspectos físicos quanto emocionais. Ela considera diversas dimensões do bem-estar animal, como a saúde, o comportamento, a alimentação, o conforto e a interação social. Objetiva avaliar e melhorar as condições de vida dos animais em diferentes contextos, como na produção animal, em zoológicos ou em laboratórios de pesquisa, visando garantir uma vida com qualidade e sem sofrimento (BRASIL, 2020).

O estudo aprofundado sobre as práticas de bem estar animal só foram concretizadas a partir do reconhecimento de que o animal não humano também é um ser senciente, isto é, têm a capacidade de sentir emoções positivas e negativas e fazer suas próprias escolhas (WEBSTER, 2005). Países como Portugal, Nova Zelândia e do Reino Unido reconheceram a consciência animal através do Tratado de Lisboa, New Zealand Animal Welfare Act e Declaração de Cambridge, respectivamente (WSAVA, 2018).

A preocupação com o bem estar animal só foi discutida em 1964 com a indignação da população britânica que eclodiu a partir da publicação do livro *Animal Machines* de Ruth Harisson. Neste livro a autora denunciava os maus tratos sofridos pelos animais de produção em confinamento da Grã-Bretanha. O governo britânico pressionado pela população criou o “Comitê de Brambell” liderado pelo médico veterinário Rogers Brambell para investigar as acusações mencionadas no livro (HÖTZEL e MACHADO, 2004).

Com a apresentação do Comitê, foi gerado um documento nomeado de “Relatório de Brambell” que deu origem às cinco liberdades dos animais. Em 1967, houve a criação do *Farm Animal Welfare Advisory Committee*, que posteriormente foi transformado em *Farm Animal Welfare Council* e em *Farm Animal Welfare Committee (FAWC)* (BARBOZA, 2021), foi nesse sentido que emergiu o *Welfare Quality*, com uma visão mais ampla acerca do bem-estar, focando na alimentação, habitação, saúde e comportamento adequado (BATTINI *et al.*, 2014).

Indicadores de bem estar

Na clínica de cães e gatos, os médicos veterinários devem ser os principais responsáveis em promover o bem estar, dando importância ao bem estar físico (*Bios*), mental (*Psyché*) e natural (*Telos*) através dos estímulos necessários (MALDONADO e GARCIA, 2015).

Diversos fatores podem alterar o bem estar de positivo ou bom para negativo ou fraco, como ambiente, manejo, criação, genética, enfermidade, procedimentos clínicos e cirúrgicos, entre outros (AGUIAR *et al.*, 2017). Porém, independentemente do grau, devem ser consideradas as tentativas de se mensurar os sentimentos inerentes ao estado do indivíduo naquele momento (BROOM e FRASER, 2010).

Os indicadores de bem estar podem ser divididos em curto e longo prazo. As medidas de curto prazo são mais indicadas para avaliar o bem estar durante o manuseio ou transporte, enquanto as de longo prazo são mais indicadas em casos de estadia permanente (BROOM e MOLENTO, 2004). Esses métodos e medidas de bem estar são importantes parâmetros de avaliação, uma vez que podem indicar um estado pré-patológico. Dessa forma, a condição de evitar um objeto ou situação (teste de evasão), evitar a possibilidade de escolha (teste de preferência), estereotípias, além de anormalidades no crescimento, são todos eles indicativos de baixo grau de bem estar (BROOM, 2011).

A interpretação do grau de bem estar pode sofrer uma variação pelo indivíduo que está analisando e pela espécie animal que está sendo analisada. Por isso devem ser utilizados métodos quantitativos (BROOM, 2011), que são mensurações fisiológicas (SERRA *et al.*, 2018).

Desse modo, para identificar se o nível de BEA está alto ou baixo e os principais fatores que interferem na qualidade de vida desses animais, são utilizados diversos indicadores reconhecidos mundialmente. Tais indicadores incluem as cinco liberdades, os cinco domínios, indicadores fisiológicos, bioquímicos e comportamentais, medidas de entradas e saídas e avaliação de dor realizada através de escalas (GALDIOLI *et al.*, 2021). O *Welfare Quality* também se destaca por considerar quatro princípios, a saber, a boa alimentação, a boa habitação, a boa saúde e o comportamento adequado (Batini *et al.*, 2014) Além desses indicadores, há também protocolos de avaliação de bem estar animal proposto pelo projeto *Welfare Quality* (HAMMERSCHMIDT e MOLENTO, 2014).

As Cinco Liberdades são princípios básicos e mínimos que indicam o estado de bem estar ideal para cada espécie animal. Entretanto não devem ser considerados como padrão ouro, mas como uma lista de avaliação prática para verificar os pontos fortes e fracos de manejo (Webster, 2005). Após anos, algumas derivações das cinco liberdades foram surgindo, como “As Cinco Necessidades” (ANIMAL WELFARE ACT, 2006) e “As Cinco Oportunidades” (YEATES, 2013), contudo, os quatro princípios utilizados para avaliação do bem estar animal atualmente é o proposto pela *Welfare Quality* (WELFARE QUALITY, 2009).

O modelo dos Cinco Domínios refere-se ao conjunto de necessidades, oportunidades e liberdades dos animais que estão divididas em cinco grandes áreas (AGUIAR *et al.*, 2017). Esse modelo foi criado pelo professor David Mellor da Universidade Massey com o intuito de reunir as medidas de bem estar positivo com as medidas contra os estados negativos (MELLOR, 2017). Para a sua avaliação, deve-se considerar a influência que um domínio tem sobre o outro, ou seja, à medida que um dos quatro primeiros domínios sofrem alteração, o quinto também será modificado. Inicialmente, esse modelo foi criado para avaliação de animais utilizados em ensino e pesquisa. Entretanto, atualmente, pode ser usado para qualquer espécie, como os animais de companhia (MELLOR e BEUSOLEIL, 2015).

Atualmente, o modelo dos quatro princípios são a expressão mais atual do *Welfare Quality*. Eles se fundamentam em quatro eixos cujo indicadores são:

Boa alimentação: ausência de fome prolongada, ausência de sede prolongada. Boa habitação: conforto na zona de descanso, conforto térmico, facilidade de locomoção. Boa saúde: ausência de lesões, ausência de doença, ausência de dor induzida por procedimentos de manejo. Comportamento adequado: expressão de comportamentos sociais, expressão de outros comportamentos, boa relação humano-animal, estado emocional positivo (BATTINI *et al.*, 2014).

Além dos modelos tradicionais para a avaliação do bem estar como as cinco liberdades e os cinco domínios, há também os indicadores fisiológicos do próprio organismo animal que podem demonstrar um estado negativo, como a mensuração da temperatura corporal, frequência cardíaca, atividade adrenal e resposta imunológica, por exemplo (AMARAL, 2012). A avaliação do bem estar através de indicadores fisiológicos pode demonstrar que o animal está tentando enfrentar situações estressantes ou respondendo a algum dano patológico. Entretanto, em ambas condições, o parâmetro fisiológico indica que o bem estar está reduzido (BROOM e MOLENTO, 2004). Assim, nos casos em que a situação estressante ultrapasse um período de resposta fisiológica de alarme, o animal se adapta aos desafios ambientais persistentes (WEBSTER, 2005).

Os indicadores bioquímicos estão interligados com os indicadores físicos, uma vez que a condição fisiológica de um animal afeta diretamente a resposta enzimática e hormonal em situações adversas, principalmente frente ao estresse (WEBSTER, 2005). Os indicadores bioquímicos estão têm relação com a ativação do eixo hipotálamo/hipófise/adrenal e a resposta fisiológica desse eixo. O indicador de ativação mais usado é obtido pela mensuração da concentração de cortisol no plasma ou na saliva (RIVERA, 2006). Contudo, estudos mais recentes têm demonstrado que a mensuração de glicose também é um bom marcador de estresse, principalmente quando associado com a mensuração da concentração de cortisol (ERICKSON *et al.*, 2021).

Os indicadores comportamentais são utilizados como instrumento avaliativo do bem estar porque demonstram que uma mudança de padrão no comportamento é o primeiro indicativo de que algo no animal requer atenção aumentada. Esses indicadores podem ser avaliados tanto através de comportamentos anormais, quanto os normais (CEBALLOS e Sant'Anna, 2018). Comportamentos anormais como estereotípias, automutilação ou comportamento agressivo indicam que o animal apresenta um baixo grau de bem estar (BROOM e MOLENTO, 2004). Em 1983, a Comissão das Comunidades Europeias (CEC) identificou a alteração de postura corporal, automutilação, estereotípias e comportamento apático (perda de interesse) como prováveis indícios de comportamento anormal ou perturbação grave (WEBSTER, 2005).

Em 2006, no Brasil, verificou-se que 98,5% das consultas veterinárias tinham problemas comportamentais como queixa principal. Os cinco principais problemas de comportamento relatado em cães foram comportamentos destrutivos, agressividade, eliminações inapropriadas, vocalizações excessivas e medo de barulhos. Já em gatos, foram relatados eliminações inapropriadas e comportamentos destrutivos (CRUZ, 2012). Na rotina da clínica veterinária, as respostas fisiológicas e comportamentais são as formas mais

importantes para avaliação do BEA, uma vez que as respostas bioquímicas não são rotineiramente mensuráveis (adrenalina e cortisol, por exemplo) (WSAVA, 2019).

Principais problemas relacionados ao bem estar

O bem estar de cães e gatos pode ser afetado por diversos aspectos inerentes ao próprio animal ou dos indivíduos que o rodeiam, como predisposição, manejo, estilo de criação, seleção e manipulação genética, adestramento, procedimentos clínicos e cirúrgicos (MALDONADO e GARCIA, 2015).

A compreensão dos aspectos envolvidos com o bem estar, seja ele individual ou coletivo, deve levar em consideração a significância do problema, proporção de animais afetados, duração, gravidade da experiência, benefícios e a possibilidade de resolução (FARACO, 2021).

Para cada interação que os animais possuem com os humanos, é necessária uma análise, pois os problemas relacionados ao bem estar de cães e gatos não afetam somente esses animais de companhia, mas os médicos veterinários, tutores, criadores e as indústrias do setor pet, uma vez que as demandas humanas modificam o estilo de vida de ambos (SONNTAG e OVERALL, 2014).

A presença de problemas comportamentais em cães tem tido consequências importantes no bem estar e na relação interespecie, fazendo com que no Brasil essa seja uma das principais causas do abandono. Tal situação, ademais, não se restringe ao solo brasileiro, sendo uma característica predominante na América Latina (ALVES *et al.*, 2013).

Em outros países, como Espanha e Estados Unidos, a eutanásia se tornou uma alternativa para lidar com os problemas comportamentais (SOARES *et al.*, 2010). No Brasil também se pratica a eutanásia por problemas comportamentais, mas não é registrado. Há exemplos de animais eutanasiados por atacarem pessoas (SIQUEIRA e BASTOS, 2020). Além disso, nos Estados Unidos, o custo do sistema de saúde pública com o tratamento de vítimas de ataques de cães ultrapassa cem milhões de dólares anualmente (SOARES *et al.*, 2010).

Ainda que haja várias campanhas de conscientização sobre guarda responsável e as questões relacionadas à saúde pública, a popularidade dos cães de raça pura como animais de estimação ainda é crescente, mesmo que estes tenham predisposições para problemas de saúde específicos (BUCKLAND *et al.*, 2014).

Fatores como reprodução, urbanização e mudanças no estilo de vida dos tutores têm afetado o grau de bem estar desses animais. Práticas irresponsáveis de reprodução tem resultado em defeitos genéticos e hereditários. Em 2009, foram identificadas 396 doenças hereditárias em 50 cães populares no Reino Unido. Já com gatos, a preocupação é menor em virtude da pequena porcentagem de gatos de raça pura que nos Estados Unidos, por exemplo, só constituem 15% dos gatos (SONNTAG e OVERALL, 2014).

Outro fator significativo é a urbanização rápida e exacerbada que fez com que cães e gatos fossem mantidos em menos espaço per capita, causando problemas comportamentais. Por fim, o aspecto econômico pode resultar em negligência, abandono e eutanásia de vários cães e gatos. É observado que as zoonoses são mais comuns em comunidades que não têm verba para ter acesso a tratamentos veterinários (SONNTAG e OVERALL, 2014).

Em um estudo realizado com cães no Reino Unido verificou-se que os distúrbios mais frequentes entre a população de cães que foi avaliada foram: doenças do saco anal, conjuntivite,

periodontite, dermatite, obesidade, lipoma, osteoartrite e otite externa. Dentre essas afecções, as periodontites, osteoartrites e obesidade foram as que mais impactaram negativamente no bem estar dos animais com base em combinações de alta prevalência, duração e gravidade (SUMMERS *et al.*, 2019).

Já em outro estudo com cães da Grã-Bretanha verificou-se que o manejo inadequado, falta de conhecimento do tutor, comportamentos indesejáveis, doenças genéticas e hereditárias, socialização e alojamento inadequados e distúrbios relacionados à alterações físicas foram os principais problemas relacionados ao grau baixo de bem estar (BUCKLAND *et al.*, 2014).

Clínica veterinária amigável

A otimização de um ambiente hospitalar voltado ao bem estar de cães e gatos permite uma melhora no vínculo humano-animal que se constrói diariamente entre o clínico, o tutor e o animal (MALDONADO e GARCIA, 2015). Para isso, além da promoção da saúde disponibilizada através dos aspectos tradicionais de cuidados veterinários, deve-se incorporar a percepção subjetiva do sofrimento e da qualidade de vida do animal (AGUIAR *et al.*, 2017).

É de total responsabilidade do médico veterinário prevenir e minimizar qualquer estado emocional negativo no ambiente hospitalar (WSAVA, 2019). Desse modo, ao implementar uma clínica com os princípios de bem estar, o médico veterinário deve pensar em como os animais se sentem e veem a clínica veterinária, já que o conforto e as emoções dos cães e gatos contam tanto quanto os do ser humano (SIQUEIRA e BASTOS, 2020).

Os benefícios em promover um manejo amigável na clínica veterinária são inúmeros, como satisfação profissional, segurança para equipe veterinária e animal, fidelização de clientes, entre outros. Estudos revelaram que tutores de animais com quem foi criado uma relação animal-tutor-veterinário e são tratados como membros da família aceitam melhor as recomendações médicas (FARACO, 2021).

Desse modo, o médico veterinário pode promover o bem estar de cães e gatos proporcionando ambientes saudáveis para os animais em sua prática hospitalar e auxiliando os tutores na obtenção de conhecimento e habilidades relacionados com o bem estar de seus animais de estimação em casa (ARHANT *et al.*, 2019).

Estudos indicaram que os cuidados veterinários podem contribuir para a ansiedade do animal ao longo da vida, desde o primeiro exame físico quando filhote. Uma pesquisa identificou 85 fatores que poderiam influenciar o bem estar de cães e gatos em relação aos cuidados no ambiente hospitalar, como estimulação auditiva e olfativa e contenção física (LLOYD, 2017).

Comportamentos que são aceitos como normais, mas que são problemáticos para o cão ou gato incluem aqueles observados durante a consulta veterinária como medo, retraimento, liberação de sacos anais e agressão. Assim, abordagens mais recentes voltadas à promoção do bem estar diminuem os níveis de estresse em todos os estágios da clínica veterinária (SONNTAG e OVERALL, 2014).

Pré-consulta

Antes da consulta propriamente dita, é necessário preparar o animal para o período em que estará na clínica veterinária. Animais com histórico de visitas assustadoras ou dolorosas podem associar qualquer um ou todos os estímulos ao redor com um estado emocional negativo

(HERRON e SHREYER, 2014). A maioria dos cães e gatos já chegam para atendimento estressados ou ansiosos devido às ações do tutor previamente à consulta, como perseguir o animal e colocá-los em uma caixa de transporte que não estão acostumados (FARACO, 2021).

Desse modo, deve-se orientar os tutores sobre os cuidados pré-consulta com o animal para que este tenha uma experiência agradável e associe com eventos positivos. Para isso, o animal deve relacionar a caixa de transporte ou a viagem de carro com algo que goste. Esse estímulo deve ser realizado em um grau que o animal não demonstre medo, para posteriormente aumentar a intensidade. Essa técnica é conhecida como contra condicionamento e dessensibilização (LANDSBERG *et al.*, 2012).

Treinar cães e gatos para ver sua caixa de transporte como seu quarto é uma tarefa simples, é só ensiná-los que grandes coisas acontecem quando estão em sua caixa, mesmo para gatos ariscos e cães adultos, geralmente isso ocorre em menos de uma semana. Os treinamentos dos gatos são idênticos aos treinamentos dos cães, mas com menos passos (YIN, 2009).

Por exemplo, manter a caixa de transporte em um local acessível e colocar roupas familiares ou recompensas e brinquedos, estimula o gato a entrar por vontade própria. Uma vez que o gato entra na caixa frequentemente em casa e o usa para repouso, o tutor poderá transportá-lo a passeios de carro regularmente, associando o passeio a experiências positivas (RODAN, 2015).

Outra alternativa, é a utilização da gabapentina previamente à consulta (LIMA *et al.*, 2021). A gabapentina é um fármaco análogo do neurotransmissor Ácido Gama-Aminobutírico (GABA) que pode ser utilizado para reduzir o estresse em felinos, auxiliando no manejo. Para essa finalidade, esse fármaco deve ser administrado por via oral em virtude da maior disponibilidade e facilidade de administração (LIMA *et al.*, 2021). Além disso, deve-se levar em consideração que a dosagem varia de acordo com cada animal, podendo variar de 50 a 150mg/gato (SHAFFORD, 2015).

Recepção/sala de espera

É necessário garantir que as instalações das clínicas e hospitais veterinários cumpram com um padrão mínimo de bem estar para os pacientes e o seus tutores. Dessa forma, uma temperatura agradável deve ser mantida, assim como uma boa ventilação e evitar sons desagradáveis e odores que possam ser irritantes para gatos ou cães (FARACO, 2021).

É indicado que haja a separação dos locais para cães e gatos ou que os horários e dias de atendimento clínico sejam diferentes. Os requisitos de separação devem incluir fatores visuais, auditivos, olfativos e táteis (WSAVA, 2018). Caso não seja possível, deve-se eliminar qualquer odor por meio de protocolos de limpeza, evitando produtos muito perfumados (LOFTUS, 2014). O uso de divisórias visuais como vasos e *displays* de informação ou divisores portáteis em pontos estratégicos para evitar o contato visual direto com outros animais pode ser uma alternativa (LANDSBERG *et al.*, 2012).

Apesar da decoração ter uma função comercial é preciso considerar que determinados elementos podem perturbar os pacientes (FARACO, 2021). Por isso, o local deve ter cores em tons de amarelo a violeta, evitando tons laranjas, vermelhos e cores escuras que dificultam a visão e a compreensão do ambiente, sendo recomendado o uso de cores mais claras em áreas mais escuras, pois deixará os animais mais à vontade (LLOYD, 2017). Se o propósito é ser considerada uma clínica veterinária que ofereça serviço amigável para gatos, será necessário

ter um local exclusivo para atendê-los (WSAVA, 2018). Por isso, é indicada a utilização de balcões elevados ou plataformas próximas da mesa da recepção para as gaiolas de gatos serem mantidas longe dos cães (BRUNT, 2015).

Balança

O momento da pesagem de cães e gatos pode ser mais estressante do que estar na própria sala de espera. Para tornar esse cenário menos assustador, é aconselhado colocar uma toalha ou tapete antiderrapante em cima da balança e estimular o ato com petiscos como forma de recompensa (LANDSBERG *et al.*, 2012).

A balança precisa ser espaçosa em ambas as extremidades para que o animal não se sinta encurralado. Também pode ser vantajoso fazer a pesagem imediatamente após a chegada, para permitir que o animal relaxe novamente antes de ser levado ao consultório (HEDGES, 2014). Os gatos devem ser pesados preferencialmente no consultório e dentro da caixa de transporte. Outra solução, é que para gatos que já foram treinados com *clicker*, pode ser utilizada a técnica para pular e ficar em pé em uma balança (LLOYD, 2017). O *clicker* é um aparelho portátil utilizado no treinamento de gatos que ao ser pressionado emite um som de clique (KOGAN *et al.*, 2017).

Consultório

A sala destinada ao atendimento de cães e gatos também deve ser separada de acordo com a espécie atendida. O local precisa ser um ambiente calmo, com ventilação adequada, livre de odores e com iluminação reduzida (WSAVA, 2019). Além disso, o consultório deve ter um tamanho adequado e ser organizado para evitar que o animal se sinta preso ou claustrofóbico (HEDGES, 2014).

É indicado utilizar lâmpadas de 60W para iluminação em consultórios e internamentos, pois a luz brilhante constante é estressante para os animais, devido o tapete lúcido que permite que cães e gatos enxerguem a luz em maior intensidade comparado aos humanos (HERRON e SHREYER, 2014).

A superfície utilizada para o exame físico deve ser antiderrapante, macia e o mais baixa possível para evitar acidentes devido medo ou estresse (LOFTUS, 2014). Muitos gatos não gostam da mesa de aço utilizada para exame, porque foram punidos por subirem em mesas em casa e preferem outros locais como permanecer na balança, em lugares altos como aparadores ou no colo das pessoas que conhecem (RODAN, 2015).

Além disso, as salas de atendimento devem ter toalhas para contenção, especialmente no atendimento com gatos, pois estes se sentem mais à vontade quando é fornecido uma maneira de se esconder (LANDSBERG *et al.*, 2012).

Internamento

O internamento deve ser um local seguro, confortável, lavável e que permita que os animais se movimentem e se coloquem em estação caso desejarem (WSAVA, 2019). A maioria das gaiolas das clínicas veterinárias são pequenas para gatos, porém elas devem ser grandes o suficiente para que o animal possa se alongar, lamber e se exercitar. Além disso, devem ter espaços individualizados para alimentação, descanso e eliminação de dejetos (RODAN, 2015).

Geralmente, o internamento é o local mais movimentado e barulhento da clínica veterinária, como também a área em que os animais mais doentes são abrigados para monitoramento. Assim, deve-se fazer o controle de ruídos, principalmente quando se tem a intenção de abrir ou fechar gaiolas (LANDSBERG *et al.*, 2012). A música clássica pode ser utilizada como forma de promover relaxamento em animais alojados para diminuir vocalizações (FARACO, 2021). Outra opção é utilizar máquinas de ruído branco que auxiliam no bloqueio de sons repentinos devido a frequência e potência do ruído (YIN, 2009).

Tanto cães quanto gatos devem ser mantidos em gaiolas voltadas para as paredes, em vez de para outros animais, para diminuir o contato visual (LLOYD, 2017). Gaiolas do estilo condomínio podem minimizar o estresse em gatos, por possibilitar se esconder (BRUNT, 2015). Podem ser disponibilizados tapetes e brinquedos, bem como períodos de jogos supervisionados ou comedouros interativos (WSAVA, 2019).

Além disso, como a maioria das gaiolas são de aço, é indicado colocar tapetes de yoga ou qualquer outro tipo para animais mais debilitados ou idosos (FARACO, 2021). Caso seja adequado para a espécie, podem ser disponibilizadas caixas de areia, caixas de papelão e toalhas nos canis e gatis (WSAVA, 2019). Os gatos parecem preferir camas de lã de poliéster do que de toalhas e outros tipos de tapetes (HERRON e SHREYER, 2014).

No internamento deve ser evitado o uso de iluminação artificial quando não for necessário, para incentivar os cães e gatos descansarem (HEDGES, 2014). As rotinas de limpeza e alimentação devem ser efetuadas de uma forma previsível para o animal (WSAVA, 2019).

Métodos alternativos para promover o bem estar

Além de promover o bem estar animal por meio de manejo ambiental e mudanças na estrutura hospitalar, há outras medidas complementares que podem ser adotadas na clínica veterinária para aliviar o estresse e a ansiedade nos cães e gatos, como o uso de feromônios e aromaterapia (LLOYD, 2015).

A feromonioterapia é definida como o uso de sinais químicos usualmente associados à comunicação intraespecífica para controlar o comportamento dos animais dentro do ambiente clínico (MILLS *et al.*, 2013). Os primeiros estudos para a produção de feromônio sintético foram realizados na década de 90 com a elaboração do *Feliway*, análogo sintético facial F3 felino (HENZEL e RAMOS, 2018). Para pacientes caninos, o único feromônio recriado em laboratório foi o feromônio apaziguador *Adaptil* que é produzido nas orelhas e no sulco mamário de cadelas lactantes para tranquilizar a ninhada (HEDGES, 2014). Por outro lado, os felinos contam com a comercialização de três feromônios análogos: *Feliway classic*, *Feliway Friends* e *Feliscratch*. A função principal do feromônio análogo depende da fonte de produção, entretanto todos podem ser utilizados em novos estímulos que possam eliminar a agressividade e ansiedade no animal (HENZEL e RAMOS, 2018).

A aromaterapia é uma prática de terapia complementar que utiliza óleos vegetais voláteis, incluindo óleos essenciais, para estimular uma resposta mental e fisiológica (LLOYD, 2015). O óleo essencial age no sistema límbico, fazendo a ligação de uma emoção à memória, ou seja, qualquer óleo utilizado para controlar o comportamento em cães deve ter uma ligação condicionada entre o aroma e uma emoção positiva (HEDGES, 2014).

Os óleos essenciais podem ser administrados por nebulização, aplicação tópica e ocasionalmente, por via oral (LANDSBERG *et al.*, 2012). Em felinos, o uso da aromaterapia deve ser feito com cuidado porque os gatos não possuem a enzima UDP - glucuronosiltransferase (UGT) que está relacionada com a metabolização de compostos dos óleos essenciais, assim o gato fica suscetível aos potenciais efeitos tóxicos de alguns desses óleos (LLOYD, 2015).

Outros dois métodos da medicina veterinária complementar que podem ser implementadas na clínica médica de cães e gatos com o intuito de promover o bem estar animal são a cromoterapia e a musicoterapia. A cromoterapia é um método físico holístico que utiliza as propriedades terapêuticas das setes cores do arco-íris para tratar doenças através das vibrações ocasionadas pelas diferentes frequências de luzes que agem nos campos de força intitulado *Chakras*, permitindo o reequilíbrio energético. Posteriormente, o seu efeito atinge o campo físico, possibilitando o reestabelecimento do órgão afetado por alguma enfermidade (BALZANO *et al.*, 2014).

Na medicina veterinária, a musicoterapia tem sido utilizada para promover o enriquecimento ambiental como reforço positivo, diminuindo o nível de estresse dos animais durante o manejo (CALAMITA *et al.*, 2016). Isso ocorre porque muitas áreas da clínica veterinária são negligenciadas em relação ao isolamento de ruídos, fator este que aumenta o nível de estresse do cão, gato e da equipe veterinária. Assim, dentre todos os gêneros musicais, a música clássica tem demonstrado resultados benéficos para alguns animais, como aumento na quantidade de tempo que passam dormindo em canis e diminuição da vocalização (LLOYD, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tratou acerca da implementação de um manejo *friendly* para o bem estar de cães e gatos, apontando os benefícios não somente para os animais de companhia, mas também para o médico veterinário e o tutor. Embora a maior restrição da implementação esteja relacionado com as mudanças na estrutura física da clínica, foram apresentadas alternativas simples, como a mudança na conduta, que poderiam ser realizadas.

De modo geral, um serviço veterinário baseado no manejo amigável promove uma percepção positiva do atendimento clínico. Assim, médicos veterinários devem ser incentivados na adoção de práticas de bem estar visando melhorar a conduta no manejo com os pets. Além disso, o treinamento da equipe desde a recepção até o setor de banho e tosa é imprescindível, uma vez que todos devem ter o conhecimento em saber identificar níveis baixos de bem estar tendo em vista as necessidades de cada setor da clínica e, com isso, favorecendo a sua implementação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R.; RIBEIRO, A.; BALDA, A.C; RIBEIRO, P.M. O bem-estar de cães na prática hospitalar. **Enciclopédia Biosfera**, v.4, n.26, p.446-461, 2017. Centro Científico Conhecer. Disponível em: <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/728>. Acesso em: 25 set. 2022.

ALVES A.J.S.; GUILLOUX A.G.A.; ZETUN C.B.; POLO G.; BRAGA G.B.; PANACHAO L.I.; SANTOS O.; DIAS R.A. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura / *Abandonment of dogs in Latin America: review of literature* / **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV/SP**, v.11, n.2, p.34–41, 2013.

AMARAL, R.M.A. Bem-estar de cães e gatos. In: MARQUES JUNIOR, A.P. BERGMANN, J.A.G; HEINEMANN, M.B; SILVA, N. (ed.). **Bem-Estar Animal: Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia**. Belo Horizonte: FEPMVZ, 2012. p.9-13. Disponível em: <https://vet.ufmg.br/ARQUIVOS/FCK/file/editora/caderno%20tecnico%2067%20Bem%20Estar%20Animal%20ok.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

AWA. Animal Welfare Act. **Promotion of Welfare**, 2006. Reino Unido. Disponível em: <http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2006/45/crossheading/promotion-of-welfare>. Acesso em: 21 set. 2022.

ARHANT, C.; HÖRSCHLÄGER, N.; TROXLER, J. Attitudes of veterinarians and veterinary students to recommendations on how to improve dog and cat welfare in veterinary practice. **Journal of Veterinary Behavior**, Viena, v.31, s/n, p.10-16, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1558787818302223>. Acesso em: 19 nov. 2022.

BALZANO, O; GUIMARÃES, O.M; GUIMARÃES, C.B. **Cromoterapia - Tratamento de crianças e gestantes**. 1. ed. São Paulo/SP, Lebooks, v.1, 2014.

BARBOZA, P.A. O bem-estar dos animais em sua perspectiva histórica. In: BARBOZA, P.A. **O Tratamento do Bem-Estar Animal na Política Externa Brasileira: De Preocupação Social a Necessidade Econômica**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2021. cap.1. p.23–46.

BATTINI, M.; VIEIRA, A.; BARBIERI, I.; STILWELL, A.G.; MATTIELO, S. Animal-based indicators for on-farm welfare assessment for dairy goats: invited review. **Journal of Dairy Science**, v.97, n.11, p.6625-6648, 2014.

BRASIL. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Bem-estar animal: desafios, oportunidades e perspectivas globais**. Campo Grande/MS: Embrapa Gado de Corte, 2020. 28p. (Documentos / Embrapa Gado de Corte).

BROOM, D.M.; FRASER, A.F. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2010.

BROOM, D.M.; MOLENTO, C.F.M. Bem-estar animal: conceito e questões relacionadas – Revisão. **Archives of Veterinary Science**, Paraná, v.9, n.2, p.1-11, 2004.

BROOM, D.M. Bienestar animal: conceptos, métodos de estudio e indicadores. **Revista Colombiana de Ciencias Pecuarias**, Colômbia, p.306-321, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/298464767_Animal_welfare_Concepts_study_methods_and_indicators_translation_of_Spanish_original. Acesso em: 15 out. 2022.

BRUNT, J.E. Abordagem Amistosa no Atendimento a Gatos. In: LITTLE, S.E. **O Gato: Medicina Interna**. 1. ed. Canadá: Roca, cap.1, 2015. p.50-58.

BUCKLAND, E.L.; CORR, S.A.; ABEYESINGHE, S.M.; WATHES, C.M. Prioritisation of companion dog welfare issues using expert consensus. **Animal Welfare**, Reino Unido, v.23, n.1, p.39-46, 2014.

CALAMITA, S.C.; SILVA, L.P.; CARVALHO, M.D.; COSTA, A.B.L. A música e seus diversos impactos sobre a saúde e bem-estar dos animais / Music and its impacts on the health and well-being of animals. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v.14, n.3, p.6-11, 2016.

CEBALLOS, M.C.; SANT'ANNA, A.C. Evolução da ciência do bem-estar animal: uma breve revisão sobre aspectos conceituais e metodológicos. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, [S.L.], v.16, p.1, 2018. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326008168_Evolucao_da_ciencia_do_bem-estar_animal_Uma_breve_revisao_sobre_aspectos_conceituais_e_metodologicos. Acesso em: 05 jul. 2022.

CONCEA. Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal. **Glossário do Concea**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/composicao/conselhos/concea/paginas/Destaques/glossario-do-concea>. Acesso em: 01 ago. 2022.

CRUZ, M.J.T.D. **Epidemiologia de problemas comportamentais em cães e gatos em Portugal**, 2012. 37p. (Dissertação de Mestrado em Integrado em Medicina Veterinária). Curso de Medicina Veterinária, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2012. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/63707/2/TESE%20M%20JOAO%20CRUZ%20MV.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

ERICKSON A.; HARBIN K.; MACPHERSON J.; RUNDLE K.; OVERALL K.L. A review of pre-appointment medications to reduce fear and anxiety in dogs and cats at veterinary visits. **Canadian Veterinary Journal**, v.62, n.9, p.952-960, 2021.

FARACO, C.B. (org.) **Bem-Estar dos Cães e Gatos e Medicina Comportamental**. São Paulo: Apamvet, 2021. Disponível em: <http://www.publicacoes.apamvet.com.br/PDFs/Publicacoes/7.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

FAWC. Farm Animal Welfare in Great Britain: Past, Present and Future. **Farm Animal Welfare Council**, Londres, 2009. Disponível em: <http://www.fawc.org.uk>. Acesso em: 02 set. 2022.

FRASER, David. Understanding animal welfare. **Acta Veterinaria Scandinavica**, [S.L.], v.50, n.1, p.1-7, 2008. Disponível em: <https://actavetscand.biomedcentral.com/articles/10.1186/1751-0147-50-S1-S1#citeas>. Acesso em: 05 jun. 2022.

GALDIOLI, L.; POLATO, H.Z.; MAUSSON, L.F.T.; FERRAZ, C.P.; GARCIA, R.C.M. **Guia Introdotório de Bem-estar e Comportamento de Cães e Gatos para Gestores e Funcionários de Abrigos**. 1. ed. Curitiba: UFPR, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/71400/guia%20introdotorio%20de%20bem-estar%20e%20comportamento%20de%20caes%20e%20gatos%20para%20gestpdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 mai. 2022.

HAMMERSCHMIDT, J.; MOLENTO, C.F.M. Protocolo de perícia em bem-estar animal para diagnóstico de maus-tratos contra animais de companhia. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, Curitiba, v.51, n.4, p.282-296, 2014.

HEDGES, S. **Practical Canine Behaviour**: for veterinary nurses and technicians. [S.I]: 1. ed. Cabi, 2014.

HENZEL, M.; RAMOS, D. O uso dos feromônios sintéticos na clínica veterinária comportamental. **APAMVET**, São Paulo, v.9, n.2, p.17-21, 2018. Disponível em: <http://www.apamvet.com/21-08-2018apamvet-v9n-n2.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

HERRON, M.E.; SHREYER, T. The Pet-friendly Veterinary Practice. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, Estados Unidos, v.44, n.3, p.451-481, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24766695/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

HOTZEL, M.J.; MACHADO FILHO, L.C.P. Bem-estar animal na agricultura do século XXI. **Revista Etologia**, São Paulo, v.6, n.1, p.3-15, 2004.

IBGE. **Domicílios com algum cachorro, por situação do domicílio**, 2019a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4930#resultado>. Acesso em: 15 jul. 2022.

IBGE. **Domicílios com algum gato, por situação do domicílio**, 2019b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4931#resultado>. Acesso em: 15 jul. 2022.

KOGAN, L.; KOLUS, C.; SCHOENFELD-TACHER, R. Assessment of clicker training for Shelter Cats. **Animals**, USA, v.7, n.12, p.73-79, 2017.

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. Reducing stress and managing fear aggression in veterinary clinics. In: LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Behavior Problems of the Dog and Cat**. 3. ed. Filadélfia: Saunders, cap. 23, 2012. p.367-375.

LIMA, D.A.; AMARAL, A.G.; SILVA, L.M.; SILVA, L.G.; FERNANDES, A.L.; ALMEIDA, M.P.A. Efeitos da administração de Gabapentina para manejo de felinos domésticos. **Revista Sinapse Múltipla**, Betim, v.10, n.1, p.78-80, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/26797>. Acesso em: 20 dez. 2022.

LLOYD, J. Minimising Stress for Patients in the Veterinary Hospital: why it is important and what can be done about it. **Veterinary Sciences**, Townsville, v.4, n.4, p.1-19, 2017.

LOFTUS, L. Behavioural considerations in veterinary practice. **Veterinary Nursing Journal**, Inglaterra, v.29, n.5, p.166-169, 2014.

MALDONADO, N.A.C.; GARCIA, R.C.M. Bem-estar Animal. In: JERICÓ, M.M.; KOGIKA, M.M.; NETO, J.P.A. **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos**. Rio de Janeiro: Roca, cap.255, 2015. p.6.792-6.807

MELLOR, D.; BEAUSOLEIL, N.J. Extending the 'Five Domains' model for animal welfare assessment to incorporate positive welfare states. **Animal Welfare**, Reino Unido, v.24, n.3, p.241-253, 2015.

MELLOR, D. Operational Details of the Five Domains Model and Its Key Applications to the Assessment and Management of Animal Welfare. **Animals**, [S.L.], v.7, n.12, p.1-20, 2017.

MILLS, D.; DUBE, M.B.; ZULCH, H. **Stress and Pheromonotherapy in Small Animal Clinical Behaviour**. 1. ed. Wiley-Blackwell, 2013.

RIVERA, E.A.B. Estresse em animais de laboratório. In: ANDRADE, A.; PINTO, S.C.; OLIVEIRA, R.S. **Animais de laboratório: criação e experimentação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. cap. 29. p.263-273. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/sftwtj>. Acesso em: 17 nov. 2022.

RODAN, I. Compreensão e Manuseio Amigável dos Gatos. In: LITTLE, S.E. **O gato: Medicina Interna**. 1. ed. Canadá: Roca, cap.1, 2015. p.25-50.

SERRA, M.; WOLKERS, C.P.B.; URBINATI, E.C. Physiological indicators of animal welfare. **Revista Brasileira de Zootecias: Etologia Aplicada e Bem-estar Animal**, Minas Gerais, v.19, n.2, p.70-96, 2018.

SHAFFORD, H.L. Serenity now: practical sedation options for cats and dogs. Clackamas: **Veterinary Anesthesia Specialists**, 2015. Disponível em: https://vetanesthesiaspecialists.com/wp-content/uploads/2015/05/SedationOptions_DogsAndCats_Shafford_updated2017.pdf. Acesso em: 20 dez. 2012.

SIQUEIRA, V.C.; BASTOS, P.A.S. Bem-estar animal para clínicos veterinários. **Brazilian Journal of Health Review**, [S.L.], v.3, n.2, p.1713-1746, 2020.

SOARES, G.M.; DANTAS, L.M.S.; D'ALMEIDA, J.M.; PAIXÃO, R.L. Epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil inquirido entre médicos veterinários de pequenos animais: inquirido entre médicos veterinários de pequenos animais. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.40, n.4, p.873-879, 2010.

SONNTAG, Q.; OVERALL, K.L. Key determinants of dog and cat welfare: behaviour, breeding and household lifestyle. **Revue Scientifique et Technique de L'Oie**, [S.L.], v.33, n.1, p.213-220, 2014.

SUMMERS, J.F.; O'NEILL, D.G.; CHURCH, D.; COLLINS, L.; SARGAN, D.; BRODBELT, D.C. Health-related welfare prioritisation of canine disorders using electronic health records in primary care practice in the UK. **BMC Veterinary Research**, Reino Unido, v.15, n.1, p.1-20, 2019.

WEBSTER, J. **Animal Welfare: Limping Towards Eden: A Practical Approach to Redressing the Problem of Our Dominion Over the Animals**. Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/book/10.1002/9780470751107>. Acesso em: 22 ago. 2022.

WELFARE QUALITY. **Welfare Quality® Assessment protocol for cattle**. Lelystad, Holanda: Welfare Quality, 2009. 142p. Disponível em: <http://www.welfarequality.net/en-us/home/>. Acesso em: 04 set. 2023.

WSAVA (Canadá). Diretrizes para o Bem-Estar Animal: para médicos veterinários de animais de companhia e equipes de cuidados veterinários. **Journal of Small Animal Practice**, Canadá, v.60, n.5, p.263–326, 2019.

YEATES, J. **Animal Welfare in Veterinary Practice**. Reino Unido: 1. ed. Wiley-Blackwell, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/64476174/Animal_Welfare_in_Veterinary_Practice. Acesso em: 07 jul. 2022.

YIN, S. **Low Stress Handling Restraint and Behavior Modification of Dogs & Cats: Techniques for Developing Patients Who Love Their Visits**. [S.I]: 1. ed. Cattledog Publishing, 2009.